

OS INSTITUTOS HISTÓRICOS NO BRASIL E SUAS REVISTAS

Apresentação

O ano era 1838. O lugar, a corte do Império do Brasil. Em uma pequena sala do Museu Nacional era criado o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, “grêmio dedicado às letras históricas”.¹ A partir desse momento o país passava a contar com um espaço destinado a reunir e guardar o acervo documental, assim como a escrever sobre a história pátria. Um dos principais instrumentos utilizados na exaltação da nova nação foi Revista do IHGB, criada em 1839.

Pode-se dizer que a Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro tornou-se o principal instrumento de difusão da leitura oficial a respeito do passado do Brasil, produzindo culturas políticas e forjando uma nação. Nas laudas da revista o passado colonial foi revisitado, evidenciando os pilares de uma sociedade e tecendo um modelo de escrita da história. De acordo com Janaína Losada, “a escrita da história – ancorada no culto à nação e no contínuo movimento de nomear, descrever, provar – deixa ver em seu desejo de recordação, a circulação das ideias de seu tempo”.²

¹ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 101.

² LOSADA, Janaína Zito. Discursos de natureza: a produção da história oitocentista no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. *Patrimônio e Memória*. Vol. 7, n° 1. Assis, 2011, p. 119.

Esse modelo de escrita não ficou restrito ao IHGB. Nas inúmeras instituições congêneres, fundadas ao longo da segunda metade do século XIX e da primeira metade do XX, o passado do Brasil foi interpretado dentro dessa visão tida como romântica e patriótica, por meio de instituições “imbuídas de uma missão e tarefa de perpetuar as tradições do torrão”³ local. Assim, antes da consolidação do ensino universitário no país, os institutos históricos assumiram a hegemonia da escrita da história nacional e regional. Foram espaços voltados para a modernização do Brasil.⁴ Para Lília Schwarcs,

O instituto expressava dessa maneira sua posição de debate que se tratava em outros círculos intelectuais da época, tendo como modelo uma história católica, patriótica, permeável a um discurso evolucionista e muito vinculada à política oficial.⁵

Durante muitos anos os institutos históricos e geográficos no Brasil foram responsáveis pela disseminação da pesquisa histórica no país, substituindo em parte a inexistente pesquisa histórica universitária. Inspirados pelo IHGB, os institutos regionais passaram a compartilhar a concepção do que era fazer história, principalmente no alvorecer da Primeira República. Para Ângela de Castro Gomes, “a concepção de história e o tipo de narrativa histórica que estariam sendo elaborados no período, portanto, decorriam, em parte, das novas exigências políticas desse novo regime”.⁶

³ BORRALHO, José Henrique de Paula. Instituto de História e Geografia do Maranhão (IGHM): patrimônio, memória e história como princípios de perpetuação da imagem de um Maranhão grandioso. *Patrimônio e Memória*. Vol. 7, nº 1. Assis, 2011, p. 20.

⁴ LEOTTI, Odegar. Bicentário de Cuiabá: rememoração e invenção do passado. O Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Virgílio Corrêa Filho: a invenção da modernidade em Mato Grosso e sua inserção no projeto de reconstrução da nação e da nacionalidade – 1919 A 1969. *Patrimônio e Memória*. Vol. 7, nº 1. Assis, 2011, p. 80.

⁵ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 107.

⁶ GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012, p. 24.

Esse foi o caso do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, fundado no dia 6 de agosto de 1912, que para o sócio-fundador Prado Sampaio importava para “inconcusso documento de florescência intellectual sergipana, e nos fica a assignalar o momento em que nossa intelligencia se julgou apta a collaborar no grande problema da correllação existencial entre a natureza e o homem”.⁷ Então, a partir desse momento os intelectuais sergipanos possuíam um espaço para reunião, debates, apresentações de trabalhos científicos e de construção da memória regional. Além disso, é importante destacar que, “a exemplo de seus coirmãos, passou a desempenhar um papel dos mais destacados na acanhada vida cultural do Estado”.⁸

A Casa de Sergipe foi criada no intuito de congregar a inteligência local e de se tornar uma guardiã da memória sergipana. O Sodalício apresentava o propósito de arrefecer a necessidade de migração das “mentes pensantes”, assim como retirar o estado do atraso em que se via, levando-se em consideração que em 1912, “no contexto do Nordeste, apenas Maranhão, Piauí e Sergipe ainda não dispunham de instituições congêneres”.⁹ Com o instituto, nascia a oportunidade de se venerar o passado nacional com cores locais, como bem explicitou Moreira Guimarães, Sergipe estava “cheio de ações gloriosas na sua história”.

As glórias do passado sergipano foram registradas e divulgadas em um espaço específico, que se tornaria no século XX o principal periódico de História em terras sergipanas. Trata-se da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, publicada pela primeira vez nos idos de 1913. A Revista do IHGSE ao longo dessa centúria passou por diferentes situações, de entusiasmo, de crises, de grandes intervalos na publicação e de uma constante assimilação de novos atores da inteligência local.

⁷ SAMPAIO, Prado. Palavras de Início. *Revista do Instituto Histórico e Geographico de Sergipe*. Nº 1. Aracaju, 1913, p. 24

⁸ DANTAS, Ibarê. Apresentação. In: FREITAS, Itamar. *A Escrita da História na Casa de Sergipe (1913-1999)*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2002, p. 6.

⁹ DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe (1912-2012)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2012, p. 24.

Desse modo, “o IHGS auxiliou até mesmo na criação de ‘concorrentes’ da sua própria Revista”.¹⁰

Nos cem anos de sua existência, a Revista do IHGSE tornou-se um dos espaços privilegiados na difusão do conhecimento a respeito das questões geográficas, sociológicas, antropológicas, educacionais e, principalmente, históricas de Sergipe. Diferentemente do que ocorreu na maioria das instituições congêneres, o IHGSE passou a aglutinar pesquisadores ligados às universidades do estado e seu periódico constituiu um dos mais relevantes instrumentos na difusão dos resultados das novas pesquisas acadêmicas.

Um indício do diálogo frutífero são os últimos resultados das avaliações do Qualis/Capes, em que a Revista do IHGSE apresenta a melhor avaliação nas áreas de História e Interdisciplinar entre os periódicos sergipanos¹¹. No ano do centenário dessa importante revista as expectativas são ainda mais animadoras, tendo em vista a recente indexação no Latindex e a inclusão de novos nomes para integrar o Conselho Consultivo, incluindo renomados pesquisadores de universidades europeias e americanas, como Roger Chartier, Peter Burke e Luis Alberto Romero.

É nesse ensejo de celebração que lançamos o número 43 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, com o dossiê “Os institutos históricos no Brasil e suas revistas”. A ideia de composição desse dossiê foi gestada em 2012, no seio das comemorações do centenário do IHGSE. A diretora da Pinacoteca Jordão de Oliveira, Ane Luíse Silva Mecnas Santos, tinha proposto que a edição comemorativa da primeira centúria da revista tratasse de sua própria trajetória. A proposta ganhou consistência quando o professor da Universidade Federal Fluminense e presidente do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, Paulo Knauss propôs um dossiê que abordasse os institutos e suas revistas. Assim, encontrava-se definida a temática do dossiê da edição do centenário.

¹⁰ FREITAS, Itamar. *A Escrita da História na Casa de Sergipe (1913-1999)*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002, p. 17.

¹¹ A Revista do IHGSE obteve o estrato B3 em História, assim como outros três periódicos sergipanos, a saber: Canindé, Eptic e Ponta de Lança.

O momento de discussão sobre as revistas dos institutos históricos e geográficos no Brasil é oportuno. Primeiramente por abrir espaço para debater a construção da historiografia brasileira em um panorama amplo, diversificado e que foque as experiências historiográficas de regiões distintas, fugindo das interpretações centralizadas no eixo Rio-São Paulo. Segundo por entender os institutos como espaços privilegiados na consolidação de modelos historiográficos e na construção de culturas políticas, com importantes leituras a respeito do passado nacional e regional. Por fim, a principal importância da temática desse dossiê se deve ao fato de discutir uma vertente da historiografia nacional pouco analisada. Apesar da existência de obras clássicas da historiografia brasileira,¹² ainda são escassas as tentativas de sistematização a respeito das experiências estaduais.¹³

Outro ponto que evidencia o reconhecimento da Revista do IHGSE é o quantitativo de textos que recebemos para a composição desse novo número. Ao todo foram 30 artigos recebidos, sendo a grande maioria fruto de investigações realizadas em programas de pós-graduação. Além da evidente qualidade dos textos, os mesmos foram produzidos por pesquisadores vinculados a 14 instituições de 7 estados de todas as regiões do país. Certamente esse é sinal da nova fase do periódico, que passa a assimilar as contribuições a respeito das questões nacionais sem deixar de evidenciar a experiência local.

Os sete artigos que compõem o dossiê foram expostos seguindo a ordem cronológica regressiva. O primeiro, de autoria de Paulo Knauss, versa sobre a trajetória histórica do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, com ênfase para as atividades editoriais e para as publicações, evidenciando as transformações no perfil dos escritos, que

¹² Cf. SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. GOMES, Ângela de Castro. *A República, a História e o IHGB*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. GUIMARAES, Manoel Luís Salgado. *Nação e civilização nos trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional*. Estudos Históricos. Vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro, 1988, p. 5-27.

¹³ Uma primeira tentativa ocorreu na Revista Patrimônio e Memória da UNESP, com o dossiê a respeito dos institutos históricos e geográficos, que discutiu os institutos do Maranhão, Paraíba, Bahia, São Paulo e Mato Grosso, além do próprio IHGB.

deixaram de ser breves notas de pesquisa para se tornarem textos de debate historiográfico e de pesquisas sistemáticas.

O segundo texto foi produzido por Ibarê Dantas e analisa a trajetória da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, em uma discussão que insere a produção intelectual do periódico no contexto histórico da instituição e do estado, evidenciando as contribuições da referida revista para a cultura sergipana. A terceira contribuição foi produzida por Iza Guimarães e discute a contribuição do Instituto Histórico e Geográfico do Pará em defesa do extremo Norte do Brasil. Pautada nos textos publicado na revista, a autora entende o papel da instituição como órgão catalisador de uma história amazônica.

O quarto artigo é tem como autor Marcelo Mahl, que discorre a respeito da busca dos intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo das primeiras décadas do século XX na construção de uma visão ufanista do passado e que destacasse os feitos paulistas na história nacional. O quinto texto, produzido por Magno Santos discorre sobre a trajetória da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, evidenciando as aproximações e distanciamentos em relação a escrita da história alagoana de âmbito acadêmico.

A sexta contribuição do dossiê foi escrita por Luciana Boeira e analisa a experiência do Instituto Histórico e Geográfico da Província de São Pedro, considerada uma instituição pioneira nas províncias do Império do Brasil e que levou a redefinição do projeto de escrita da história nacional. Concluindo o dossiê temos o texto de Aaron Reis, que analisa os pareceres publicados na Revista do IHGB na segunda metade do século XIX. O autor tenta entender a concepção de ensino de História e o Sodalício como espaço de fermentação intelectual.

Abrindo a sessão de artigos livres temos a contribuição de João Paulo Gama, que analisa a historiografia educacional sergipana sobre instituições educacionais por meio das dissertações defendidas no mestrado em Educação da UFS. O autor evidencia a contribuição de tais dissertações na apresentação de novos objetos de análise, assim como a aproximação das obras com o influxo teórico-metodológico da historiografia educacional internacional. Joaquim Conceição analisa os

internatos do ensino secundário em Sergipe oitocentista, evidenciando as principais experiências e as tentativas de centralização e descentralização dessas escolas na capital e nas principais cidades da província.

Verônica Souza e Josineide Santana realizam uma análise comparativa das trajetórias de Tobias Rabelo Leite e Joaquim de Menezes Vieira, no tocante à metodologia de ensino em colégios do Rio de Janeiro do século XIX. Solyane Lima problematiza a trajetória de Augusto Leite, evidenciando as preocupações acerca da infância sergipana, assim como as tensões do intelectual no campo educacional.

Claudefranklin Monteiro analisa o pensamento educacional de Manoel Bomfim, evidenciando não somente as contribuições historiográficas do autor, mas também elucidando as querelas que o mesmo enfrentou em defesa de suas ideias. Márcia Bomfim discorre sobre o movimento escolanovista no ensino primário sergipano, pondo em evidência o confronto entre os modelos institucionais das escolas isoladas e dos grupos escolares. A autora ainda destaca as práticas escolares e o civismo na cultura escolar.

Pautada em livros de batismos da Freguesia Nossa Senhora da Piedade, Joceneide Cunha analisa as relações de compadrio em Sergipe oitocentista, com ênfase para as famílias escravas da vila de Lagarto. Já Fabrícia Santos situa a trajetória do médico e lavrado Theodoro do Nascimento por meio da publicação da Revista Agrícola no início do século XX. Silvânia Costa, Auro Rodrigues e Rogério Graça analisam a trajetória do médico Eronides de Carvalho destacando as suas ações no combate as epidemias em Sergipe nos primeiros decênios do século XX.

Luiz Antonio Cruz e Lina Aras debatem as memórias aracajuanas no tempo da Segunda Guerra Mundial, confrontando as fontes orais com jornais e documentação judiciária. Márcia Santiago provoca uma discussão sobre o descompasso entre a rede urbana no Brasil junto ao subsistema de Aracaju.

Por fim, temos a resenha de autoria de José Thiago Silva Filho sobre a Guerra de Canudos, resultante do projeto “Cenários e caminhos históricos”.

Magno Francisco de Jesus Santos
Editor da Revista do IHGSE